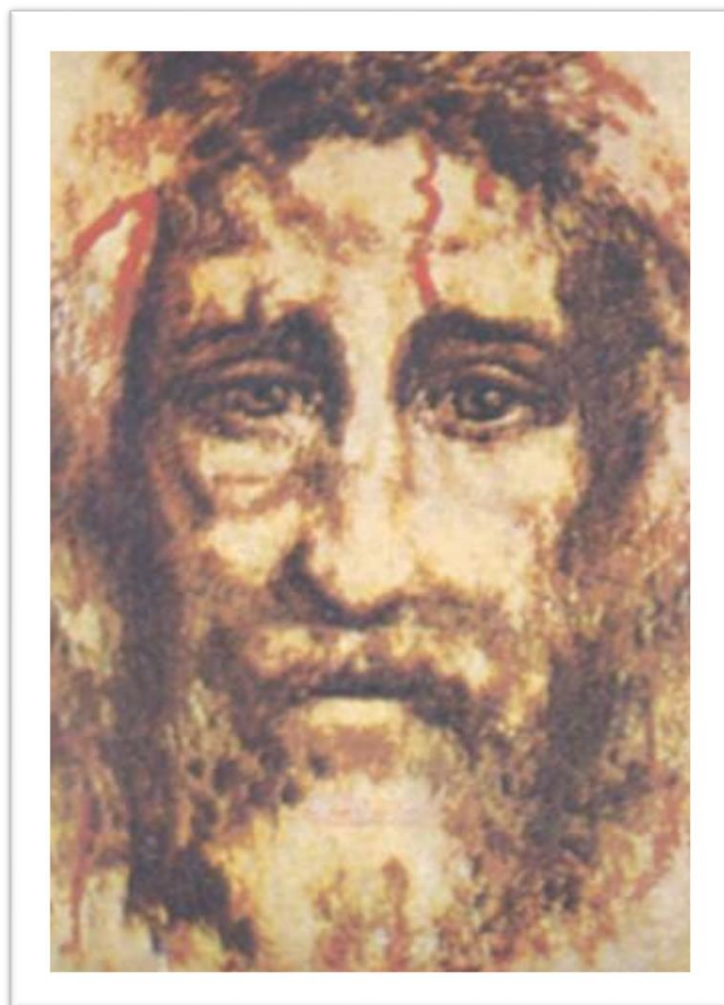




Via Sacra

Meditada com a narração da Beata Anna Catharina Emmerich retirada do livro Vida, Paixão e Glorificação do Cordeiro de Deus.



Via Sacra

Segundo a Beata Ana Catharina Emmerich

A devoção da Via Sacra consiste na oração mental de acompanhar o Senhor Jesus em seus sofrimentos conhecidos como a paixão de Nosso Senhor, a partir do Tribunal de Pilatos até o Monte Calvário.

DURANTE O SOFRIMENTO DE JESUS E SUA MORTE

O amor e o ardente desejo de estar com o Filho, de sofrer tudo com ele e de não o abandonar até o fim, davam-lhe uma força sobrenatural. As companheiras foram com ela. Vi-as todas, sérias e decididas; não se importavam com os insultos da gentilha, mas impunham respeito pela sua tristeza; passaram pelo fórum, a cabeça coberta pelos véus; no ponto onde Jesus tomara ao ombro a cruz, beijaram a terra; depois seguiram todo o caminho da Paixão de Jesus, venerando todos os lugares onde ele mais sofrera. Maria e as que eram mais inspiradas, procuravam seguir as pegadas de Jesus e a SS. Virgem, sentindo e vendo-lhes tudo na alma, guiava-as onde deviam parar e quando deviam prosseguir nessa via sacra. Todos esses lugares se lhe imprimiram vivamente na alma; ela contava até os passos e mostrava as companheiras os santos lugares.

Desse modo a primeira e mais tocante devoção da Igreja foi escrita no coração amoroso de Maria, Mãe de Deus; escrita pela espada profetizada por Simeão; os santos lábios da Virgem transmitiram-na aos companheiros do sofrimento e por esses a nós. Esta é a santa tradição vinda de Deus ao coração da Mãe Santíssima e do coração da Mãe aos corações dos filhos; assim continua sempre a tradição na Igreja.

Assim nasceu a devoção da Via Sacra, não por uma intenção premeditada, mas da natureza dos homens e das intenções de Deus para com seu povo, do fiel amor de uma mãe, e, por assim dizer, sob os pés de Jesus, que foi o primeiro que a trilhou.

Via Sacra

Segundo a Beata Ana Catharina Emmerich

APÓS A MORTE DE JESUS

A Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, logo após a morte de JESUS sempre contemplara os sofrimentos e as dores do caminho da Cruz.

Relato, segundo a Beata Ana Catharina Emmerich:

MARIA SANTÍSSIMA VIVEU EM ÉFESO

Por trás da casa, até certa distância, na encosta da montanha, Maria Santíssima fizera para si uma Via Sacra. Enquanto morava em Jerusalém nunca deixara, desde a morte do Senhor, de percorrer-lhe o caminho da Paixão, chorando de saudade e compaixão. De todos os lugares do caminho onde Jesus sofrera, ela tinha medido a distância a passos:

O amor imenso de Mãe extremosa não lhe podia viver sem a contínua contemplação desse caminho doloroso.

Pouco tempo depois de chegar àquela região, eu a via diariamente caminhar até certa distância, subindo a colina atrás da casa, nessa meditação da Paixão e morte do Filho amado. A principio ia sozinha, medindo pelo número de passos que tantas vezes contara as distâncias dos lugares onde Jesus sofrera certos tormentos. Em todos esses lugares erigia uma pedra ou, se havia ali uma árvore, marcava-a. O caminho conduzia a um bosque onde, numa elevação, marcou o Monte calvário e numa gruta de outra colina, o sepulcro de Jesus Cristo.

I Estação

Jesus é condenado a morte

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Pilatos, que não procurava a verdade, mas apenas uma saída para a dificuldade, estava mais indeciso que nunca. A consciência dizia-lhe: “Jesus é inocente”. A esposa mandara dizer-lhe: “Jesus é santo”. A superstição dizia-lhe: “É um inimigo de teus deuses”. A covardia dizia-lhe: “É um deus e vingar-se-à” . Pilatos mandou preparar tudo para pronunciar a sentença. Deu ordem para trazer outras vestes solenes e vestiu-as; puseram-lhe na cabeça uma espécie de coroa ou diadema, no qual havia uma pedra preciosa ou outra coisa brilhante; vestiram-no também de outro manto e diante dele levavam um bastão. Foi acompanhado de muitos soldados; oficiais do tribunal iam na frente, transportando uma coisa e seguiam-se escreventes, com rolos de papel e tabuinhas, precedidos por um homem que tocava trombeta. A Cruz de Nosso Senhor ainda não estava lá, provavelmente porque a sentença ainda não fora pronunciada.

.

I *Estação*

Jesus é condenado a morte

A Santíssima Virgem, que se tinha afastado depois da apresentação de Jesus por Pilatos e da gritaria sanguinária dos judeus, abriu caminho, em companhia de algumas mulheres, por entre a multidão e aproximou-se do tribunal, para ouvir a sentença de morte, proferida contra seu Filho e Deus; Jesus estava nos degraus da escada, diante de Pilatos, rodeado de soldados e os inimigos lançavam-Lhe olhares cheios de ódio e escárnio. Um toque de trombeta ordenou silêncio e Pilatos pronunciou, com a raiva de um covarde, a sentença de morte contra o Salvador.

II Estação

Jesus toma a cruz aos ombros

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Quando jogaram a cruz no chão, aos pés de Jesus, Ele se ajoelhou junto à mesma, e abraçando-a, beijou-a três vezes, dirigindo ao Pai celestial, em voz baixa, uma oração comovente de ação de graças pela redenção do gênero humano, a qual ia realizar. Como os sacerdotes, entre os pagãos, abraçam um altar novo, assim abraçou Jesus a cruz, **o eterno altar do sacrifício cruento de expiação**. Os carrascos, porém, com um arranco nas cordas, fizeram Jesus ficar ereto, de joelhos, obrigando-o a carregar penosamente o pesado madeiro ao ombro direito e com o braço direito segurá-lo, com pouco e cruel auxílio dos carrascos. Vi anjos ajudando-o invisivelmente, pois sozinho não teria conseguido suspendê-lo; ajoelhava-se, curvado sob o pesado fardo.

Ressoou um toque de trombeta da cavalaria de Pilatos e um dos fariseus a cavalo aproximou-se de Jesus, que estava de joelhos, sob o fardo e disse-lhe: “Acabou agora o tempo dos belos discursos”; e aos carrascos: “Apressai-vos, para que fiquemos livres dele. Vamos avante! Fizeram-no levantar-se então aos arrancos e caiu-lhe assim sobre o ombro todo o peso da cruz, que nós devemos também carregar para segui-lo, segundo as suas santas palavras, que são a verdade eterna. Então começou a marcha triunfal do Rei dos reis, tão ignominiosa na terra, tão gloriosa no Céu.

III *Estação*

Jesus cai por terra

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Seguia então Nosso Senhor e Salvador, curvado sob o pesado fardo da cruz, cambaleando sobre os pés descalços e feridos, dilacerado e contundido pela flagelação e as outras brutalidades, exausto de forças, por estar sem comer, sem beber, nem dormir desde a Ceia, na véspera, enfraquecido pela perda de sangue, pela febre e sede, atormentado por indizíveis angústias e sofrimentos da alma.

Com a mão segurava o pesado lenho sobre o ombro direito; a esquerda procurava penosamente levantar a larga e longa veste, para desembaraçar os passos, já pouco seguros. Tinha as mãos inchadas e feridas pelas cordas, com que haviam estados antes fortemente amarradas. O rosto estava coberto de pisaduras e sangue; cabelo e barba em desalinho e colados pelo sangue; o pesado fardo e o cinturão apertavam-lhe a roupa pesada de lã de encontro ao corpo ferido e a lã pegava-se-lhe às feridas reabertas. Em redor só havia ódio e insultos.

Quando Jesus, carregado do pesado fardo, chegou a esse lugar, não tinha mais força para ir adiante; os carrascos arrastavam e empurravam-no sem piedade; então Jesus, nosso Deus, tropeçando sobre a pedra, caiu por terra e a cruz tombou-lhe ao lado. Os carrascos praguejaram, puxaram-no pelas cordas, deram-lhe pontapés; o séquito parou, formou-se um grupo tumultuoso em redor do Divino Mestre.

III *Estação*

Jesus cai por terra

Debalde estendia a mão, para que alguém o ajudasse a levantar-se. “Ai!” exclamou, “dentro em pouco estará tudo acabado”, e os lábios moviam-se-lhe em oração. Os fariseus gritaram: “Vamos! Fazei-o levantar-se, senão nos morre nas mãos!” Aqui e acolá, dos lados da rua, se viam mulheres a chorar, com crianças, que também choramingavam assustadas.

Com auxílio sobrenatural, conseguiu Jesus afinal levantar a cabeça e esses homens abomináveis e diabólicos, em vez de o ajudarem e aliviarem, ainda lhe impuseram novamente a coroa de espinhos. Levantaram-no depois brutalmente e puseram-lhe a cruz de novo no ombro. Com isso era obrigado a pender para o outro lado a cabeça, torturada pelos espinhos, para assim poder carregar o pesado patíbulo.

IV Estação

Jesus encontra com sua mãe

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



A Mãe de Jesus, transpassada de dor, tinha se retirado do fórum, com João e algumas mulheres, depois de ouvir a sentença que lhe condenara injustamente o Filho. Tinham visitado muitos dos lugares sagrados pela Paixão de Jesus, mas quando o correr do povo e o toque dos clarins e o séqüito de Pilatos, com os soldados, anunciaram a partida para o Calvário, Maria não pode conter-se mais: o amor impelia-a a ver o divino Filho, no seu sofrimento e pediu a João que a conduzisse a um lugar onde Jesus tivesse de passar.

Quando vi a dolorosa Mãe de Deus, pálida, olhos vermelhos de chorar, tremendo e gemendo, envolta da cabeça aos pés num manto azul cinzento, passando com as companheiras por aquela casa, senti-me presa de dor e susto. Já se ouviam por sobre as casas o tumulto e os gritos do séqüito, que se aproximava, o toque da trombeta e a voz do arauto, anunciando nas esquinas das ruas a execução de um condenado a cruz.

O criado abriu o portão; o ruído tornou-se mais distinto e assustador. Maria rezava e disse a João: “Que devo fazer, ficar para vê-lo ou fugir? Como poderei suportar vê-lo neste estado?” João disse: “Se não ficardes, arrepender-vos-eis amargamente toda a vida”. Então saíram da casa, ficando a espera, sob a arcada do portão; olhavam para a direita, rua abaixo, que até lá subia, mas continuava plana, do lugar onde estava Maria.

IV *Estação*

Jesus encontra com sua mãe

Quando os servos dos carrascos, que transportavam os instrumentos do suplício, se aproximaram, impertinentes e triunfantes, começou a Mãe de Jesus a tremer e chorar e torcer as mãos de aflição. Um dos miseráveis perguntou aos que iam ao lado: “Quem é essa mulher, que está ali lamentando?” Um deles respondeu: “É a mãe do Galileu.” Ouvindo isso os perversos insultaram-na com palavras de zombaria, apontaram-na com os dedos e um desses homens perversos tomou os cravos, com os quais Jesus devia ser pregado na cruz e mostrou-o a Santíssima Virgem, com ar de escárnio. Ela, porém, torcendo as mãos, olhava na direção de seu Filho e esmagada pela dor, encostou-se ao pilar do portão. Tinha a palidez de um cadáver e os lábios roxos.

Passaram os fariseus a cavalo; depois veio o menino, com o título da cruz e, aí! Alguns passos atrás, Jesus, o Filho de Deus, seu próprio Filho querido, o Santo, o Redentor: lá ia cambaleando e curvado, afastando penosamente a cabeça, com a coroa de espinhos, do pesado fardo da cruz. Os carrascos arrastavam-no pelas cordas para a frente; tinha o rosto pálido, coberto de sangue e pisaduras, a barba toda junta e colada sob o queixo pelo sangue.

Os olhos encovados e sangrentos do Salvador, sob o horrível enredo da coroa de espinhos, lançaram um olhar grave e cheio de piedade a Mãe dolorosa e depois, tropeçando, ele caiu pela segunda vez, sob o peso da cruz, sobre os joelhos e as mãos. A mãe, na veemência da dor, não via mais nem os soldados nem os carrascos, via só o Filho querido em estado tão lastimoso e tão maltratado. Estendendo os braços, correu os poucos passos do portão até Jesus, através dos carrascos e abraçando-o, caiu-lhe ao lado de joelhos. Ouvi as palavras: “Meu Filho!” – “Minha Mãe!” – não sei se foram pronunciadas pelos lábios ou só no coração.

Houve um tumulto: João e as mulheres tentavam afastar Maria, os carrascos praguejavam e insultavam-na; um deles gritou: “Mulher, que queres aqui? Se o tivesse educado melhor, não estaria agora em nossas mãos.” Vi que alguns dos soldados estavam comovidos; eles afastaram a Santíssima Virgem, nenhum, porém, a tocou.

V Estação

O cirineu ajuda Jesus a carregar a cruz

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



O séqüito continuou nessa rua larga, até chegar a porta de um antigo muro da cidade interior. Diante dessa porta há uma praça, em que desembocam três ruas. Ali Jesus tinha de passar sobre outra pedra grande, mas tropeçou e caiu. A cruz tombou para o lado e Jesus, apoiando-se sobre a pedra, caiu por terra e tão enfraquecido estava, que não pode levantar-se mais. Passaram grupos de gente bem vestida, que iam ao Templo e vendo-o, exclamaram: “Coitado, o pobre homem morre!” Deu-se um tumulto; não conseguiram mais levantar Jesus e os fariseus que conduziam o cortejo, disseram aos soldados: “Não chegamos lá com ele vivo; deveis procurar um homem que lhe ajude a levar a cruz.”

Vinha justamente descendo pela rua do meio Simão de Cirene, um pagão, acompanhado pelos três filhinhos; transportava um feixe de ramos secos debaixo do braço. Era jardineiro e vinha dos jardins situados perto do muro oriental da cidade, onde trabalhava. Todos os anos vinha, com mulher e filhos, para a festa em Jerusalém, como muitos outros da mesma profissão, para podar as sebes. Não pode sair do caminho, porque a multidão se apinhava na rua. Os soldados, que pela roupa viam que era pagão e pobre jardineiro, apoderaram-se dele e, levando-o para onde estava Jesus, mandaram-lhe que ajudasse o Galileu a transportar a cruz.

V *Estação*

O cirineu ajuda Jesus a carregar a cruz

Simão resistiu e mostrou muita repugnância, mas obrigaram-no a força. Os filhinhos choravam alto e algumas mulheres que conheciam o homem, levaram-nos consigo. Simão sentiu muito nojo e repugnância, vendo Jesus tão miserável e desfigurado e com a roupa tão suja e cheia de imundície. Mas Jesus, com os olhos cheios de lágrimas, olhou para Simão com olhar tão desamparado, que causava dó. Simão foi obrigado a ajudá-lo a levantar-se; os carrascos amarraram o braço da cruz mais para trás e penduraram-no, com uma volta da corda, sobre o ombro de Simão, que andava muito perto, atrás de Jesus, que deste modo não tinha mais que carregar tanto peso. Finalmente o lúgubre séquito se pôs em movimento.

VI Estação

Verônica enxuga o rosto de Jesus

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Havia cerca de duzentos passos que Simão ajudava Jesus a carregar a cruz, quando uma mulher de figura lata e imponente, segurando uma menina pela mão, saiu de uma casa bonita, ao lado esquerdo da rua e que tinha um átrio cercado de muros e de um belo gradil brilhante, onde se penetrava por um terraço, com escadaria. Ela correu ao encontro do cortejo. Era Seráfia, mulher de Sirac, membro do Conselho do Templo, a qual, pela boa ação praticada nesse dia, recebeu o nome de Verônica (de vera icon: verdadeira imagem).

Saiu, pois, velada de casa para a rua; um pano pendia-lhe do ombro, quando o séqüito se aproximou. Os que o precediam, tentaram em vão retê-la; ela esta fora de si de amor e compaixão. Com a menina, que se lhe segurava, pegando-lhe o vestido, atravessou a gentalha, que ia dos lados e por entre os soldados e carrascos, avançou para a frente de Jesus e, caindo de joelhos, levantou para Ele o pano, estendido de um lado, suplicando: “Permiti-me enxugar o rosto de meu Senhor.”

Jesus tomou o pano com a mão esquerda e apertou-o, com a palma da mão de encontro ao rosto ensangüentado; movendo depois a mão esquerda, com o pano, para junto da mão direita, que segurava a cruz, apertou-o entre as duas mãos e restituiu-lho, agradecendo; ela o beijou, escondendo-o sobre o coração, debaixo do manto e levantou-se.

VII Estação

Queda de Jesus

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Havia no caminho desigual e arruinado uma grande poça: os carrascos arrastavam Jesus para frente, apertavam-se uns aos outros; Simão Cireneu procurou passar ao lado da poça, pelo caminho mais cômodo; com isso deslocou-se a cruz e Jesus caiu pela quarta vez sob a cruz e tão duramente, no meio do lodaçal, que Simão quase não pode segurar a cruz,

Espancaram e empurraram Jesus, arrastando-o para fora do lodaçal, para o levantar. Simão Cireneu ficou tão indignado com as crueldades dos carrascos, que gritou: “Se não acabardes com esta infâmia, jogarei a cruz no chão e não a carregarei mais, mesmo que me mateis também.”

VIII Estação

Jesus consola as mulheres de Jerusalém

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Não longe daí, na esquina do caminho de Gólgota, estava um numeroso grupo de mulheres, a chorar e lamentar. Em parte eram moças e mulheres pobres, com crianças, vindas de Jerusalém, que se tinham adiantado ao séqüito; em parte mulheres vindas de Belém, Hebron e outros lugares circunvizinhos, que tinham chegado para a festa e se juntaram aquelas mulheres.

Jesus não caiu ali inteiramente por terra; ia caindo como quem desmaia, de modo que Simão por a extremidade da cruz no chão e, aproximando-se de Jesus, segurou-o. O Senhor encostou-se em Simão. Essa foi a quinta queda do Salvador sob a cruz. As mulheres e moças, ao verem Jesus tão desfigurado e ensangüentado, começaram a chorar e lamentar alto, oferecendo-lhe os sudários, segundo o costume entre os judeus, para que enxugasse o rosto. Jesus virou-se-lhes e disse: “Filhas de Jerusalém, (isso significa também: filhas de Jerusalém e cidades vizinhas), não choreis por mim, mas chorai por vós e vossos filhos; porque sabeis que virá tempo e quem se dirá: “Ditasas as que são estéreis e ditosos os ventres que não geraram e ditosos os peitos que não deram de mamar”.

IX Estação

Jesus cai por terra

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



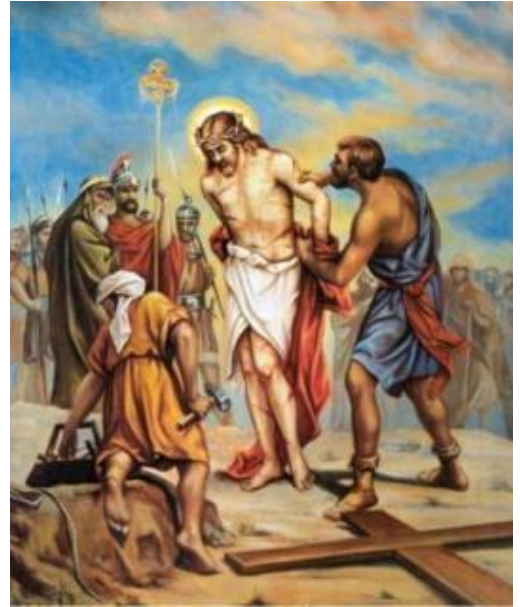
O séqüito pôs-se novamente em caminho. Jesus, curvado sob a cruz, impelido a empurrões e golpes, arrastado pelas cordas, subiu penosamente o áspero caminho que segue para o norte, entre o monte Calvário e os muros da cidade; depois, no alto, se volta o caminho tortuoso outra vez para o sul. Lá caiu Jesus, tão enfraquecido, pela sexta vez, foi uma queda dura e a cruz, ao cair, ainda mais o feriu. Os carrascos, porém, espancaram e impeliram-no com mais brutalidade do que antes, até que Jesus chegou ao cume, no penedo do Gólgota e ali caiu novamente com a cruz por terra, pela sétima vez.

X Estação

Jesus é despido de suas vestes

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Os carrascos tiraram então o manto do Senhor, que Lhe tinha antes enrolado em redor do peito; tiraram-Lhe o cinturão, com as cordas e o próprio cinto. Despiram-nO da longa veste de lã branca, passando-a pela cabeça, pois estava aberta no peito, ligada com correias. Depois Lhe tiraram a longa faixa estreita, que caia do pescoço sobre os ombros e como não Lhe podiam tirar a túnica sem costuras, por causa da coroa de espinhos, arrancaram-Lhe a coroa da cabeça, reabrindo assim todas as feridas; arregaçando depois a túnica, puxaram-lha, com vis gracejos, pela cabeça ferida e sangrenta.

Lá estava o Filho do Homem, coberto de sangue, de contusões, de feridas fechadas ou outras ainda sangrentas, de pisaduras e manchas escuras. Estava apenas vestido ainda do curto escapulário de lã sobre o peito e costas e da faixa que cingia os rins. O escapulário de lã aderira às feridas secas e estava colado com sangue na nova ferida profunda, que o peso da cruz Lhe fizera no ombro e que Lhe causava um sofrimento indizível.

X Estação

Jesus é despido de suas vestes

Os carrascos arrancaram-lhe o escapulário impiedosamente do peito e assim ficou Jesus em sangrenta nudez, horrivelmente dilacerado e inchado, coberto de chagas. No ombro e nas costas se lhe viam os osso, através das feridas e a lã branca do escapulário ainda estava colada em algumas feridas e no sangue ressecado do peito.

Arrancaram-lhe então a última faixa de pano da cintura e eis que ficou de todo nu e curvou-se, cheio de confusão e vergonha; e como estava a ponto de cair, sob as mãos dos carrascos, sentaram-no sobre uma pedra, pondo-lhe novamente a coroa de espinhos sobre a cabeça e ofereceram-lhe a beber do outro vaso, que continha vinagre com fel; mas Jesus desviou a cabeça em silêncio.

Quando, porém, os carrascos o pegaram pelos braços, com que cobria a nudez e o levantaram, para estendê-lo sobre a cruz, ouviram-se gritos de indignação e descontentamento e os lamentos dos amigos por essa vergonha e ignomínia.

A Mãe Santíssima suplicou a Deus com ardor; já estava a ponto de tirar o véu da cabeça e, abrindo caminho por entre os carrascos, oferecê-lo ao Divino Filho. *Mas Deus ouviu-lhe a oração*; pois nesse momento um homem, vindo da porta e correndo todo o caminho com as vestes arregaçadas, atravessou o povo e precipitou-se ofegante entre os carrascos e entregou um pano a Jesus que, agradecendo-lhe, o aceitou e cobriu a nudez, cingindo-o à moda dos orientais, passando a parte mais comprida por entre as pernas e ligando-a com a outra em redor da cintura. Esse benfeitor do Divino Redentor, enviado para atender à súplica da SS. Virgem, tinha na sua impetuosidade algo de imperioso; ameaçou os carrascos com o punho e disse apenas: *“Tomem cuidado de não impedir este homem de cobrir-se”*. Não falou com ninguém mais e retirou-se tão rapidamente como tinha vindo.

XI Estação

Jesus é pregado na cruz

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Jesus, imagem viva da dor, foi estendido pelos carrascos sobre a cruz; Ele próprio se sentou sobre ela e eles brutalmente O deitaram de costas. Colocaram-Lhe a mão direita sobre o orifício do prego, no braço direito da cruz e aí Lhe amarraram o braço. Um deles se ajoelhou sobre o santo peito, enquanto outro Lhe segurava a mão, que se estava contraindo e um terceiro colocou o cravo grosso e comprido, com a ponta limada, sobre essa mão cheia de bênção e cravou-o nela, com violentas pancadas de um martelo de ferro. *Doces, e claros gemidos ouviram-se da boca do Senhor;* o sangue sagrado salpicou os braços dos carrascos; rasgaram-Lhe os tendões da mão, os quais foram arrastados, com o prego triangular, para dentro do estreito orifício. Depois de terem pregado a mão direita de Nosso Senhor, viram os crucificadores que a mão esquerda, que tinham também amarrado ao braço da cruz, não chegava até o orifício do cravo, que tinham perfurado a duas polegadas distante das pontas dos dedos.

Por isso ataram uma corda ao braço esquerdo do Salvador e, apoiando os pés sobre a cruz, puxaram a toda força, até que a mão chegou ao orifício do cravo. *Jesus dava gemidos tocantes; pois deslocaram-Lhe inteiramente os braços das articulações; os ombros, violentamente distendidos, formavam grandes cavidades axilares, nos cotovelos se viam as juntas dos ossos.*

XI *Estação*

Jesus é pregado na cruz

O peito levantou-se-Lhe e as pernas encolheram-se sobre o corpo. Os carrascos ajoelharam-se sobre os braços e o peito, amarram-Lhe fortemente os braços e cravaram-Lhe então cruelmente o segundo prego na mão esquerda; *jorrou alto o sangue e ouviram-se os agudos gemidos de Jesus, por entre as pancadas do pesado martelo*. Os braços do Senhor estavam tão distendidos, que formavam uma linha reta e não cobriam mais os braços da cruz, que subiam em linha oblíqua; ficava um espaço livre entre esses e as axilas do Divino Mártir.

Todo o corpo de nosso Salvador tinha-se contraído para o alto da cruz, pela violenta extensão dos braços e os joelhos tinham-se-Lhe dobrado. Os carrascos lançaram-se então sobre esses e, por meio de cordas, amarraram-nos ao tronco da cruz; mas pela posição errada dos orifícios dos cravos, os pés ficavam longe da peça de madeira que os devia suportar. Então começaram os carrascos a praguejar e insultar. Alguns julgavam que se deviam furar outros orifícios para os pregos das mãos; pois mudar o suporte dos pés era difícil. Outros fizeram horrível troça de Jesus: *“Ele não quer estender-se, disseram, mas nós Lhe ajudaremos”*.

Atando cordas à perna direita, puxaram-na com horrível violência, até o pé tocar no suporte e amarraram-na à cruz. Foi uma deslocação tão horrível, que se ouvia estalar o peito de Jesus, que gemia alto: *“Ó meu Deus! Meu Deus!”* Tinham-Lhe amarrado também o peito e os braços, para os pregos não rasgarem as mãos; o ventre encolheu-se-Lhe inteiramente, as costelas pareciam a ponto de destacar-se do esterno. Foi uma tortura horrorosa.

XI *Estação*

Jesus é pregado na cruz

Amarraram depois o pé esquerdo com a mesma brutal violência, colocando-o sobre o pé direito e como os pés não repousavam com bastante firmeza sobre o suporte, para serem pregados juntos, perfuraram primeiro o peito do pé esquerdo com um prego mais fino e de cabeça mais chata do que os cravos, como se fura a sovela. Feito isso, tomaram o cravo mais comprido que o das mãos, o mais horrível de todos e, passando-o brutalmente pelo furo feito no pé esquerdo, atravessaram-lhe a marteladas o direito, cujos ossos estalavam, até o cravo entrar no orifício do suporte e, através desse, no tronco da cruz. Olhando de lado a cruz, vi como o prego atravessou os dois pés.

Essa tortura era a mais dolorosa de todas, por causa da distensão de todo o corpo. Conteí 36 golpes de martelo, no meio dos gemidos claros e penetrantes do pobre Salvador

XII Estação

Jesus morre na Cruz

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Até pelas 10 horas, quando Pilatos pronunciou a sentença, caíra várias vezes chuva de pedra; depois, até às 12 horas, o céu estava claro e havia sol; mas depois do meio dia, apareceu uma neblina vermelha, sombria, diante do sol. Pela sexta hora, porém, ou como vi pelo sol, mais ou menos às doze e meia, (a maneira dos judeus de contar as horas é diferente da nossa) *houve um eclipse milagroso do sol.* Um pavor geral aponderou-se dos homens e dos animais, o gado fugiu mugindo, as aves procuravam um esconderijo e caíam em bandos sobre as colinas em redor do Calvário *A escuridão aumentava, todos olhavam para o céu e o Calvário estava deserto; ali permaneciam apenas a Mãe de Jesus e os mais íntimos amigos;*

Tendo chegado a hora da agonia, Nosso Senhor lutou com a morte e um suor frio cobriu-lhe os membros. João estava sob a cruz e enxugou-lhe os pés com o sudário. Madalena, esmagada pela dor, encostava-se à cruz no lado de trás. A Santíssima Virgem estava entre a cruz do bom ladrão e a de Jesus, amparada pelos braços de Maria de Cléofas e Salomé, olhando para o Filho, que lutava com a morte.

XII *Estação*

Jesus morre na Cruz

Então disse Jesus: *“Tudo está consumado!”* e, levantado a cabeça, exclamou em alta voz: *“Meu Pai, Em vossas mãos entrego o meu espírito”*. Foi um grito doce e forte, que penetrou o Céu e a terra; depois inclinou a cabeça e expirou. Vi a alma de Jesus, em forma luminosa, entrar na terra, ao pé da cruz e descer ao Limbo. João e as santas mulheres prostraram-se com a face na terra.

O centurião Abenadar, árabe de nascimento, depois, como discípulo, batizado com o nome de Ctesifon, desde que oferecera o vinagre a Jesus, ficara a cavalo junto à elevação onde estavam erigidas as cruzes, de modo que o cavalo tinha as patas dianteiras mais no alto. Profundamente abalado, entregue a sérias reflexões, contemplava incessantemente o semblante de Nosso Senhor, coroado de espinhos.

O cavalo baixara assustado a cabeça e Abenadar, cujo orgulho estava domado, não puxava mais as rédeas. Nesse momento pronunciou o Senhor as últimas palavras, em voz alta e forte e morreu dando um grito, que penetrou o Céu, a terra e o inferno. *A terra tremeu e o rochedo fendeu-se, deixando uma larga abertura entre a cruz do Senhor e a do ladrão à esquerda*. O testemunho que Deus deu de seu Filho, abalou com susto e terror a natureza enlutada. Estava consumado!

A alma de Nosso Senhor separou-se do corpo e ao grito de morte do Redentor moribundo estremeceram todos que O ouviram, junto com a terra que, tremendo, reconheceu o Salvador; os corações amigos, porém, foram transpassados pela espada da dor. Foi então que a graça desceu à alma de Abenadar; estremeceu emocionado, cederam-lhe as paixões e o coração orgulhoso e duro, fendeu-se-lhe como o rochedo do Calvário. Lançou longe de si a lança, bateu no peito com força e exclamou alto, com a voz de um homem novo: *“Louvado seja Deus, Todo-poderoso, o Deus de Abraão e Jacó! Este era um homem justo; em verdade, Ele é o Filho de Deus!”* E muitos dos soldados, tocados pela palavra do centurião, fizeram o mesmo.

XIII *Estação*

Jesus é descido da Cruz

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Nicodemos e José de Arimatéia encostaram as escadas por detrás da cruz, levando, ao subir, um pano largo, no qual estavam presas três largas correias, prenderam o corpo de Jesus, sob os braços e joelhos, ao lenho e seguraram os braços de Nosso Senhor, atando-os pelos pulsos aos madeiros transversais. Depois tiraram os cravos, batendo-os por detrás com ponteiros colocados sobre as pontas. As mãos do Senhor não foram muito abaladas pelos golpes do martelo e os cravos caíram facilmente das chagas, que estavam muito alargadas pelo peso do corpo e esse, seguro por meio dos panos, não pendia mais dos cravos.

A parte inferior do corpo que, com a morte, tombara sobre os joelhos, repousava então, em posição natural, sobre um pano, que estava seguro no alto, aos braços da cruz. Enquanto José tirava o cravo e deixava cair cuidadosamente o braço esquerdo sobre o corpo, atou Nicodemos o braço direito do mesmo modo ao da cruz, segurando também a cabeça coroada de espinhos em posição natural, pois caíra sobre o ombro direito; tirou o cravo da mão direita e fez descer o braço, com as respectivas ataduras, ao longo do corpo. Ao mesmo tempo o centurião Abenadar tirou, com grande esforço, o longo cravo dos pés. Cássio apanhou respeitosamente os cravos e depositou-os aos pés da Santíssima Virgem.

XIII *Estação*

Jesus é descido da Cruz

José de Arimatéia e Nicodemos colocaram então as escadas no lado da frente, próximo do santo corpo, desataram a correia superior do tronco da cruz e sucessivamente as correias, pendurando-as nos ganchos da escada. Descendo então devagar das escadas e passando as correias de gancho em gancho, cada vez mais para baixo, vinha também o santo corpo descendo gradualmente para os braços do centurião Abenadar, que de pé sobre um escabelo, segurou o corpo sobre os joelhos e desceu depois com ele enquanto Nicodemos e José, segurando a parte superior pelos braços, desciam degrau por degrau das escadas, devagar e com todo cuidado, como se transportassem um amigo querido, gravemente ferido. Assim desceu o santo e desfigurado corpo do Salvador da cruz a terra.

O descendimento do corpo da cruz foi um espetáculo indizivelmente tocante. Faziam todos os movimentos com tanto cuidado e carinho, como se receassem causar sofrimento ao Senhor; manifestavam ao santo corpo o mesmo amor e respeito que tinham sentido para com o Santo dos santos, durante a vida. Todos que estavam presentes, não desviavam os olhos do corpo do Senhor e acompanhavam todos os movimentos e manifestavam solicitude, estendendo os braços, derramando lágrimas ou por outros gestos de dor.

Mas todos guardavam silêncio; os homens que trabalhavam, penetrados de um respeito involuntário, como quem toma parte num ato religioso, só falavam a meia voz, para chamar a atenção ou pedir qualquer objeto. Quando ressoaram as marteladas que fizeram sair os pregos, Maria Santíssima, Madalena e todos que tinham assistido à crucificação, sentiram de novo as dores dilacerantes daquela hora; pois esses golpes lhes lembravam as dores cruéis de Jesus causadas pelas marteladas e todos estremeceram, pensando ouvir-Lhe novamente os gemidos penetrantes e contudo se afligiam de que a santa boca Lhe houvesse emudecido, no silêncio da morte.

XIII *Estação*

Jesus é descido da Cruz

Depois de descer o santo corpo, os homens o envolveram dos joelhos até os quadris e depositaram-no sobre um pano, nos braços da Mãe Santíssima, que olhos estendeu, cheia de dor e saudade.

A Santíssima Virgem estava sentada sobre uma coberta, estendida sobre a terra; o joelho direito, um pouco elevado, como também as costas, apoiavam-se-lhe sobre uma almofada, feita de mantos enrolados; fizeram esse arranjo para facilitar à Mãe, exausta de dor e cansaço, a triste obra de caridade que ia fazer, para com o santo corpo do Filho querido, cruelmente assassinado.

A santa cabeça de Jesus, um pouco curvada, estava encostada ao joelho de Maria; o corpo jazia estendido sobre o pano. Igualavam-se a dor e o amor da Virgem Santíssima. Tinha de novo nos braços o corpo do Filho adorado, a quem durante tão longo martírio não pudera testemunhar seu amor; via quanto estava desfigurado o santo corpo, pelas horríveis crueldades, via-lhe de perto as feridas, beijava-lhe as faces sangrentas, enquanto Madalena jazia prostrada por terra, com o rosto sobre os pés de Jesus.

A Santíssima Virgem conservava um ânimo forte, em toda a sua indizível dor; mesmo em sua tristeza não podia deixar o santo corpo no horrendo estado em que o pusera o ignominioso suplício e assim começou, com atividade infatigável, a lavá-lo cuidadosamente. Abrindo a coroa de espinhos pelo lado posterior, tirou-a cuidadosamente da cabeça de Jesus, com auxílio dos outros. Para que os espinhos que entraram na cabeça, não alargassem as feridas, foi preciso cortá-los um a um da coroa. Quando a Santíssima Virgem acabou de untar todas as feridas, envolveu a santa cabeça em faixas; mas ainda não pôs o lenço que devia cobrir-lhe o rosto. Fechou-lhe os olhos entreabertos, pousando sobre eles a mão por algum tempo; fechou também a boca do Senhor, abraçou o santo corpo do Filho e, chorando, deixou cair o rosto sobre o de Jesus. Madalena, pelo grande respeito que tinha ao Senhor, não lhe tocou no semblante, mas apenas descansou o rosto sobre os pés do santo corpo.

XIV Estação

Jesus é colocado no Sepulcro

Nós Vos adoramos, Senhor Jesus e
Vos bendizemos

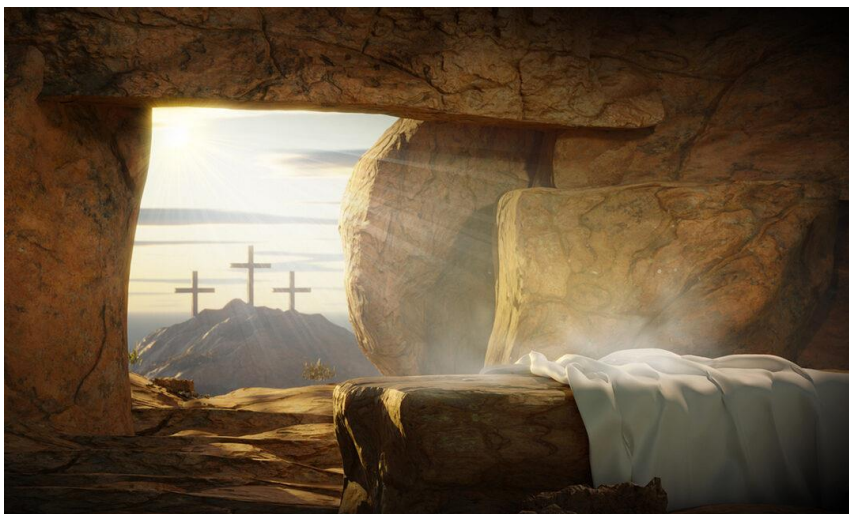
**R. Porque pela Vossa santa cruz
remistes o mundo.**



Os quatro homens desceram com o santo corpo do Senhor à gruta, onde o depuseram no chão; encheram ainda parte do leito sepulcral de especiarias, estenderam sobre ele um pano, colocando sobre este o santo corpo. O pano pendia ainda dos lados do sepulcro. Manifestando ao santo corpo o seu amor com lágrimas e abraços, saíram da gruta. Entrou então a Santíssima Virgem. Sentou-se à cabeceira de Jesus, à beira do sepulcro, que tinha cerca de dois pés de altura e inclinou-se, chorando, sobre o cadáver do Filho.

Depois de Maria Santíssima sair, entrou Madalena, com ramos de flores, que colhera no jardim e que espalhou sobre o santo corpo. Torcendo as mãos e chorando alto, abraçou os pés de Jesus. Como, porém, os homens lá fora insistissem em fechar o sepulcro, voltou para junto das mulheres. Os homens dobraram sobre o santo corpo a parte pendente do pano, cobriram tudo com uma cobertura parda e fecharam as portas. Puseram uma barra transversal e uma perpendicular; parecia uma cruz. A grande pedra destinada a fechar as portas do sepulcro e que ainda estava fora da gruta, tinha uma forma semelhante a uma arca ou um monumento sepulcral; um homem podia deitar-se sobre ela. Era muito pesada e os homens rolaram-na para dentro da gruta, com auxílio das trancas tiradas da cancela do jardim e encostaram-na às portas fechadas do sepulcro. A entrada exterior da gruta foi fechada com uma porta de ramos entrelaçados.

Ressurreição de Jesus



Tremeu a terra, um Anjo em figura de guerreiro desceu do céu ao sepulcro, como um relâmpago, levantou a pedra para o lado direito e sentou-se-lhe em cima. Foi tal o tremor de terra, que as lanternas oscilavam e as chamas saíam por todos os lados.

A vista disso, caíram por terra os guardas, como que atordoados e jaziam como mortos, com os membros tortos. Cássio viu tudo de luz e esplendor; mas recobrando ânimo, aproximou-se resolutamente do túmulo, abriu um pouco as portas, examinou as mortalhas vazias e afastou-se, para ir relatar a Pilatos o que acontecera. Mas ainda se demorou um pouco na proximidade, esperando que sucedesse mais alguma coisa; pois vira só o terremoto, o Anjo que num instante levantara a pedra e se lhe sentara em cima, o túmulo vazio, mas não vira Jesus. Como também os guardas, foi Cássio um dos primeiros que deram notícia do sucedido aos Apóstolos.

No mesmo momento em que o Anjo desceu ao sepulcro e a terra tremeu, vi o Senhor aparecendo à Mãe Santíssima, perto do Monte Calvário. Estava maravilhosamente belo, sério e luminoso. A veste, que lhe envolvia o corpo como um largo manto, flutuava no ar atrás dEle quando caminhava e tinha reflexos de cor branca azulada, como fumaça vista através da luz do sol. As chagas estavam largas e brilhavam; nas chagas das mãos se podia introduzir bem um dedo.

Ressurreição de Jesus

Os lábios das chagas tinham a forma de três triângulos equiláteros, coincidindo no centro de um círculo. Do meio das mãos saíam raios luminosos para os dedos. As almas dos patriarcas inclinaram-se diante da Mãe de Jesus, à qual o Senhor disse, em poucas palavras, que me fugiram da memória, que tornaria a vê-Lo. Mostrou-lhe as chagas e quando ela se prostrou por terra, para beijar-lhe os pés, tomou-a pela mão e levantando-a, desapareceu.

Vi ao longe o brilhar das lanternas ao lado do sepulcro e a leste de Jerusalém uma luz branca no horizonte – o amanhecer do dia.

Vi os guardas deitados em redor, como mortos e com os membros tortos. A pedra fora colocada do lado direito da gruta, de modo que se podia abrir a porta que, porém, ainda estava encostada. Vi através da porta, no leito sepulcral, os panos em que o corpo de Jesus tinha sido envolto. O pano largo, que cobria todo o corpo, estava inalterado, apenas vazio e encolhido, continha somente as ervas aromáticas. A faixa com que fora enrolado, estava ao longo do lado anterior do leito Sepulcral mas não fora desenrolada. O pano com que Maria lhe cobrira a cabeça, encontrava-se na cabeceira, à direita, na mesma posição em que lhe envolvera a cabeça, apenas o véu do rosto fora aberto.

Material usado:

Livro Vida, Paixão e Glorificação do Cordeiro de Deus

Textos digitados : <https://oespiritosanto.com/>

Imagens: <https://acaminhodasantidade.com/tag/imagens-das-xv-estacoes-da-via-sacra/>



Deus abençoe!